

10
SERMAM

DA QUINTA DOMINGA

DA
QVARESMA

QUE PREGOU NA CAPELLA REAL
O R. P. M. FR. CHRISTOVAM DE FOYOS
da Ordem de Santo Agostinho, Consultor do Santo Officio,
Examinador das Ordens Militares.



LISBOA.

Com as licenças necessarias.

Por Antonio Craesbeeck de Mello Impressor de
SUA ALTEZA, & Casa Real

Anno. 1674.

SERMAM

DA QUINTA DOMINGA

OVARESMA

QUE TREGOU NA CAPELLA REAL
 O R. P. M. FR. CHRISTOVAM DE FORTES
 da Ordem de S. Bento de Portugal, Consultor do S. mo Officio
 Proprietario das Ordens Militares.



LISBOA.

Com as licenças necessarias
 Por Antonio Casabech de Mello Impressor de
 SUA ALTEZA & Casa Real

Anno 1674.

THEMA.

Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi? Joann. 8.

S. I.



É vos digo a verdade, porque me não credes? Diz hoje Christo Jesus verdadeyro Prégador das verdades, queyxado-se magoadamente da dureza, & rebeldia Judaica; & reprimendo, ou tambem queyxando-se (talvez que com mayor magoa) da pouca fé que lhe guardamos os seus fieys. *Muyto Altos, & muyto Poderosos Principes Senhores nossos.* Demaneyra que temos no Evangelho, & no nosso Thema, huma reprehensam queyxosa, dada pelo Filho de Deos antigamente ao seu ingrato povo, & repetida hoje contra nós os que nos chamamos seus fieys, nam sey se igualmente, ou se mays ainda ingratos. Assim expuleram as palavras do presente texto, ou assim nolas accómódaram grandes Padres: Origenes, Santo Agostinho, S. Gregorio, & outros muytos. Esta reprehensam poys, ou esta queyxas, no fendido, ou na parte que nos toca, ha de ser a materia do Sermam. Do qual quísera eu nos ficasse hoje por fruyto, nam digo o emendarmonos (que nam costumo desejar o que sey que não hey de conseguir) mas ao menos o cõvencermonos. Taõ poucas sam as esperanças que dam de melhoramento os habitos humanos depravados, que pôde hum Prégador, ainda dos de grande, & diferente espirito, dar-se por muyto satisfeyto, se convencer os entendimentos; posto que não emende nada as vontades. Nam pretendo Christãos emendar hoje, não pretendo dobrar vossas vontades. Nam me vem ao pensamento, nem por imaginaçam, que hajam de poder as minhas palavras divertirvos de vossos divertimentos. O que tantos Sermoens mays eloquentes, o que tantos Prégadores de mayor exemplo não fazem, como poderia eu promettermo? O que intento unicamente, & o que só hey de tratar de conseguir, he quea cabe de render-se hoje o nosso entendimento às verdades de Jesu Christo; & venhamos a entender quanto por nossa culpa, & quanto sem nenhuma razam nos obstinamos, & ensurdecemos em nossos mundanos gostos, em nossos desordenados intentos. O Domingo das Verdades he chamado por Autonomia este Domingo. Verdadeiramente que quando não fora obrigaçam nossa prégárvos sempre verdades, que até o titulo do dia condemnaria hoje o calalas. E tras não hey de calar; permitta Deos que as sayba dizer. Mas porque o nosso Thema se dirige mais a convencer a rebeldia, q

*Origen. in
Joan. tom.
25. Aug.
in eundem
tract. 42.
Gregor.
hom. 18.*

a provar a verdade; suppondo como infallivel a verdade do Prêgador, *Si veritatem dico*. & inquirindo o porque da inflexibilidade dos ouvintes, *Quare non creditis?* faremos por ajustar a este intento o Sermam. Suppondo para isso muytas verdades, que nesta Quaresma tendes ouvido aos Prêgadores, mayz que bem provadas; & inquirindo especialmente agora os porques, & as razoens de vossa obstinaçam. Donde nãserà, que supposto a Dominga tem o titulo *das Verdades*, daremos ao Sermam outro titulo, sem que por isso se encontrem. Serà o *Sermão dos Porques*. E fique advertido daqui o auditorio em tres couzas. A primeyra, que hey de emendar hoje a dilacãm que aqui fiz os dias attraz, porq̃ não hey de exceder da minha hora. Mas mesfam-ma com consciencia. A segunda, que não lie hoje dia de futilezas, senam de verdades. A terceyra, que nam esperem verdades politicas, senão só verdades Catholicas. Para as politicas bastelhe todo esse Palacio: estes quatro palmos de Pulpito fizeram-se para estroutras verdades. Deos, que aqui nos ajuntou hoje, a tratar & ouvir sua doutrina, nos illustre os entendimentos, & nos disponha os coraçõens com a sua graça. Roguemos-lho assim, mediante a intercessãm da Virgem Santissima. **AVE MARIA.**

Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?

§. 2.

QUE sempre Christo nos diga, & nos ensine verdades, & que o mudo nos engane, & nos diga sempre mintiras; nam he nada de admirar. Isso he ser mundo, ou ser Christo. Mas que sendo isto assim, & conhecendo-o nós por tantas experiencias, ainda creamos ao mundo, & não creamos a Christo! Grande razam de qu' yxa sua, grande força de cegueyra nossa. E que isto assim seja, que grãee em nós mayor credito o mudo com suas mintiras, que Christo com as suas verdades; o nosso thema o suppoem, mas eu o provarey. Porque dado que a nossa fê, ou a nossa presunçam o intende contradizer; que temos que responder a nossas obras? E se (como Sant-Iago ensina) em não havendo obrar bem, não ha fê viva, *Fides sine operibus mortua est*; & em nós o obrar mal he tam continuo; bem se segue (& ainda mal) a justificada razaõ, cõ q̃ hoje se queyxa de nós nosso Deos, applicando-nos por bocca de sua Igreja, o que lá em outro tempo ao povo infiel: *Quare non creditis mihi?* Porque me não credes a mim? Senhor, & não vos cre quem vos confessa? Nam: que quem obra mal, não cre bem.

Iacobi
epist.

Catb. c. 2.
vers. 26.

Quiz o Demonio que Heva peccasse; & para o conseguir, trattou de lhe metter

metter na cabeça, que Deos a tinha enganado na prohibiçam do pomo. *Nequaquam moriemini: scit enim Deus quod in quocumque die comederitis ex eo, aperientur oculi vestri, & eritis sicut Di.* Heva (diz o Demonio) sabey que Deos enganou vos. Prohibiu-vos o pomo, para vos impedir a Divindade. E a que fim, ou para que se empenha tanto o Demonio em persuadir a Heva que Deos a tem enganado, se o seu intento todo se vem só a resolver em que Heva coma do pomo? Porque para Heva comer do pomo, havia de crey primeyro que Deos a tinha enganado. Como o comer aqui era peccar, entendeu certissimamente o Demonio, que se em Heva não faltasse a fé, não se havia de deliberar em comer. Verdadeyramente Christãos, que devemos de persuadirnos que Deos que nos traz enganados. Devemos de duvidar se ha Juizo, devemos de presumir que não ha Ceo, devemos de imaginar que não ha Inferno: finalmente devemos de crey que não ha outra vida mais que esta, que não ha premio, que não ha castigo, que não ha balança; & nem sey se cremos que ha morte. Segundo o que obramos. Isto deve ser o que cremos. Ao mesmo passo que Heva foy dando ouvidos à tentaçam do Demonio, foy faltando na fé de Deos. *De fructu vero ligni (dizia ella) quod est in medio paraisi, precepit nobis Deus ne comederemus, ne forte moriamur.* Do fruyto da arvore, que está no meyo do paraíso (diz Heva) mandounos Deos que não comessemos; porque talvez, se o comermos, que morramos. *Ne forte moriamur.* Ha tal dizer! Se Deos havia ditto, que tanto q̄ comesse daquelle fruyto, havia logo o go de morrer, *In quocumque die comederis, morte morieris:* como poem Heva em questam-o haver de morrer, se comesse? Affirma Deos que ha de morrer, comendo, *Morieris;* & Heva diz, que poderá ser! *Nè forte!* Mas quem assim havia de ser temeraria, assim havia de ser infiel. Davidou primeyro na fé, para saltar de poys ao preceyto: que não ha desprezar preceyros, tem haver tibeças na fé.

Isto assim supposto, & confirmado, nam negareys ja, nem podereys negar a justificada razam, com que Christo nosso salvador sahe a qu'y xarse hoje, a vozes de sua Igreja, nam só de nossos costumes, & suas offensas; mas muyto principalmente de nossa, ou tibia, ou perdida fêusando para conosco daquellas mesmas palavras, de que usou ja algum hora contra a perfidia Judaica. *Si veritatem dico vobis* (exclama poys a Igreja Catholica, em nome de Christo Jesus) *Si veritatem dico quare non creditis mihi?* Se vos digo a verdade, se vos ensino o caminho da salvaçam; & se fora ditto que vos ensino, tudo mais he huma mera mintira, & hum continuo engano; *Quare non creditis mihi?* Porque me nam credes a mim? Porque continuays em vossos enganos? Porque vos deyxays levar de mintiras? Porque não abris os olhos? Porque nam considerays vossos perigos? Porque vos não arrependeys?

deys? Porque vos não emendays? Porque não credes? *Quere?* A esta pergunta, ou a esta tam arzezoada queyxa de nosso Deos, folgára eu que algum de vós quizesse hoje responder por mim: ou ao menos, que fosseys todos para casa, & que vos pusêssys a cuydar na reposta. Mas como esta casta de conceyτος nam seja couza, que se costume levar para casa, & nem algum de vós me haja aqui de responder; ficame sendo preciso dar satisfação à pergunta: posto que a nam darey nunca á queyxa.

Primeyramente a multidam de culpas, em que cada dia, & cada hora cahimos com tanta facilidade, & que, como vos tenho mostrado, argúa em nós tam pouca fé; pòde proceder de hum, ou de muytos principios. E reduzindo a hum numero certo & principal todos os que se me representão possiveys; acho em boa Theologia, que poderà ser hum de tres. A saber. Ou malicia da nossa vontade: ou ignorancia do nosso entendimento: ou desamparo de Deos. *H:* a nossa vida, em quanto neste desterro, huma perenne & difficultosa jornada, hum caminho escuro & successivo, que vamos fazendo todos, ou que todos devemos fazer, deste mundo de bayxo para aquelle mundo decima. Para que senão erre, ou para que senão impossibilite este caminho, he necessario Deos que alumie; he necessario entendimento, que governe; he necessario vontade, que caminhe. Se Deos não alumia, perde-se a jornada por falta de luz: se o entendimento não governa, perde-se a jornada por falta de guia: se a vontade não caminha, ou se caminha as aveilas, perde-se a jornada por falta dos passos. De modo que de qualquer destas tres partes, ou da parte de Deos, ou da parte do entendimento, ou da parte da vontade, se nos pòde occasionar a perdiçam. Isto assim conhecido & supposto, vamos com o nosso thema por todas estas tres partes, nas quaes se dividirá o Sermam, buscando, & inquirendo a verdadeyra causa de nossos erros: por ver (quando mays não seja) se podemos achar reposta boa, que sirva de satisfação ao *porque* do Evangelho; ou inventar alguma, que nos sirva a nós de desculpa. Porque se nós a temos, que nos valha.

§. 3.

E Porque não pareça que favorecemos hoje a causa de Deos com alguma desigualdade, seja Deos o primeyro ouvido, & o primeyro perguntado: & da sua razam ou semrazam vós mesmos fereys os Juizes. Nem pareça novidade, que o soberano & Omnipotente Senhor do Universo entre hoje com suas mesmas criaturas em juizo contencio-

fo:poys ja pelo Profeta Iſaias ſe offererem & ſe convidou elle meſmo para ſemelhante juizo;ja ſim de que ſa averiguaffe,& reſolveſſe, ſe por culpa ſua, ou ſe ſo por culpa noſſa,acontecia no mundo eſta perdiçam de almas taõ lamentavel,criando-as elle a todas,& aſſiſtindolhe com tam grande amor:
Nunc ergo habitatores Ierusalem, & viri Iuda, iudicatis inter me & vineam meam. Quid eſt quod debuit ultra facere vinea mea, & non feci:er? Homẽs (diz Deos) de vòs meſmos faço juizes. Apontayme alguma couza neceſſar a em orde a voſſa ſa ſalvaçam,em que eu faltaſſe. Aſſim o diſſe Deos por Iſaias entam, & aſſim nolo eſtã dizendo hoje. E ja que elle nos dá licença para inquirirmos de ſua razam,& julgarmos de ſua juſtiça, vamolo fazendo aſſim; & veja-mos ſe de alguma maneyra eſtã por parte de Deos, ou procede de culpa ſua,eſta inflexibilidade noſſa,eſte mays que eſcandalozo procedimento hu-mano.

*Iſaia cap.
5.verſ.3a*

E quanto à primeyra viſta, parece que nam deyxam de deſcubriſe indicios,de que Deos nos não ajuda nem aſſiſte com aquella graça & auxi-lios,que he obrigado a nos dar. E ſe iſto aſſim he,como parece,legitima deſ-culpa teremos naquelle ultimo dia de noſſa vida,quando viermos a contas, & grande ſatiſfaçam temos hoje para dar á pergunta do Evangelho.Porq̃ nesta ſuppoſiçam, responderemos muy bem:Senhor,nam fizemos caſo de vòs,nem de voſſa doutrina;naõ demos credito a voſſas verdades,nem obe-decemos a voſſos preceytos,porque vòs nos não alumiaſtes,& porque vòs nos deſemparaſtes. Iſto he na ſu poſiçam de que Deos nos falta com os auxilios neceſſarios.E que eſtes auxilios nos faltem,parece (como ja diz) que o podemos provar com grandes indicios. Porque ſe hum homem, de mediano entendimento que ſeja, ſe puſer a conſiderar nos deſconcertos deſte mundo;ſe levantar hum pouco o pensamento, pondo-ſe como de lugar mays alto;a medir,& notar devagar o que neſte mundo vay;eu te-nho por couza ſem duvida,que ſe lhe poderá representar muyto facilme-te,que Dpos ſe tem deſcuydado da diſpoſiçam & governo delle; como ja pela meſma cauſa ſe lhe representou a alguns Filoſofos. E ſenam dizey-me.Por ventura o eſtado,em que hoje vemos a quaſi todos os Eſtados da Chriſtandade,naõ nos eſtã dando occaſiam a preſumir, & a recear, que poſſa proceder de hum deſemparo de Deos,& eſſe grandiffimo? Nam vos parece hum grandiffimo deſemparo de Deos aquelle nenhum temor nem limite,com que vemos hoje ir crecendo (te he que podem crecer) as mal-dades,os inſultos,as abominaçoens,os excessos;o pouco, ou nenhum reſ-peyto ao divino, o eſtudo & incrivel affecto no profano; os enganos,as traçoens,as perfidias;& mil couzas outras,que eu não poſſo dizer,nem me convem individuar?Iſto tudo,& o mays que iſto tudo,que todos vemos.

& todos devemos chorar, não vos está lá no juizo causando huma imaginaçãõ, de que parece q' Deos nosso Senhor ha fechado seus olhos a nossas vidas; como deyxando-nos entre as mesmas escuras trevas de nossos peccados, por não ver suas offensas, suas afrontas, & suas injurias?

Diz S. Lucas, que aquelles ministros da maldade, que tinham prezo a Christo em casa do Principe dos Sacerdotes, o começaram a afrontar, & injuriar gravemente de obras, & de palavras. *Illudebant ei cadentes.* Diz mais, que lhe taparam os olhos, & lhe foram dando de bofetadas. *Et velaverunt eum, & percutiebant faciem ejus.* E porque ha Christo de permittir, quando lhe estão dando bofetadas, quando o estão injuriando & zombando, que lhe tapem os olhos? Ah fiéis: tudo vê Deos, & nem pôde deyxar de ver tudo. Mas quando as nossas demazias chegam àquelle extremo, & limite, em q' parece que nam só cahimos por fracos, senam que sem pejo nem temor chegamos a zombar do proprio Deos, *Illudebant ei;* quando a nossa malicia chega com seus excessos & desacatos a perder todo o respeyto ao rosto de Christo Jesus, & a sua divina presença, *Percutiebant faciem ejus;* corre Deos hum véo a seus olhos, como que senam atrevelle a vernos tam atrevidos, *Et velaverunt eum.* E se o retirar Deos de nós os seus olhos, he huma demonstraçãõ evidente de nos haver desamparado; como elle mesmo explica pelo Profeta Isaias, *Quin extenderitis manus vestras, ego avertam oculos meos à vobis,* vendo nós, & considerando bem o executivo de nossas maldades, porque não entramos com os pensamentos de que Deos nos tem desamparado?

Isaia 1. 15.

Porem desta doutrina, que em algum sentido he certa, ou o pôde ser por nossos peccados, parece que se nos origina hum argumento bem forçoso, em ordem a defender a nossa causa. Porque se Deos nos desampara, ou nos tem desamparado, bem parece que não da nossa parte, senão da sua, está a causa total da nossa ruina. E vamos vendo. Pergunto, ou pergunta hoje Christo, Homens, porque peccays? *Quare?* Respondo. Porque Deos nos não assiste com seus auxilios. (Indo na supposiçãõ em que vamos.) Porque nam obrays como deveys? *Quare?* Porque Deos nolo não inspira. Porque cahis com tanta repetiçãõ, & tal precipicio? *Quare?* Porque Deos nos não tem mam. Porque vos nam levantays depoy de cahidos? *Quare?* Porque Deos nos nam ajuda. Porque andays tam cegos, & tam perdidos? *Quare?* Porque Deos nos não aluania. Porque correys a vossa perdiçãõ com tanta pressa? Porque vos obstinays tam insensiveys? *Quare?* Porque Deos nos desampara. Finalmente o desamparo de Deos he todo o porque dos *Porquês,* & huma excellente razãõ para a nossa descarga: se he que elle he tal, como nos terá parecido atequi.

Christãoõs, grandissima desgraça fora a nossa, se isto assim fora. Mas nam

sey se he ainda desgraça mayor, que nam sendo nós desamparados de Deos, o parecer mos tanto em nossas obras. E porque he ja tempo de acodir pela verdade, & livrar de toda a calumnia a alta & sempre misericordiosa Providencia de nosso Deos, especialmente para conosco, examinemos bem este ponto; & perceberemos talvez o que Christo nosso Salvador quer que percebamos hoje: que vem a ser o conhecimento de suas verdades, & o desengano de nossos enganos. Vejamos para isso o thema.

Si veritatem dico, quare non creditis? Porque nam credes (diz Christo) se vos digo a verdade? Se vola digo por demonstraçam, expoem o Cardeal Toledo, *Si dico veritatem cum ipsius veritatis demonstratione*: ou como S. Cypriaao verteu, *si veritatem palam dico*. Se vos digo a verdade clara. O grande confusam para nós, Catholicos! De maneyra que faz Christo distingam de verdade a verdade: ou de verdade a verdade clara. *Veritatem palam*. E quanto isto seja para ponderar, ide-o vendo. Sêpre Deos fala verdade: mas de dous modos: verdade clara, & verdade escura. A os Judcos ingratos falou Deos a verdade clara, porque lhe declarou o seu Testamento & os seus preceytos. Assim tambem a nós os Christãos. Senam que com excessõ & vantagem de nossa fortuna, nos falou & nos fala Deos com a clareza do meyo dia; que assim chamou o Profeta Isaias ao Testamento Novo. De sorte que aos Hebreos, & ao povo Christam com excesso a elles, falou Deos a verdade clara. Nam assim às outras gentes. Nam assim aos Turcos, nam assim aos Gétios, nam assim a tanto mundo, quanto está vivendo em trevas; & a quem Deos, posto que lhe diga verdades, lhas está dizendo menos claras, ou mais escuras.

Tolet.
Coment.
in c. 8.
Ioan.
Cyprian.
l. contra
Iudeos.

Diz poyz no presente texto nosso Deos. *Si veritatem palam dico, quare non creditis mihi?* Que vem a valer o mesmo, que se dissera. Povo meu, a quem principalmente escolhi, & por quem especialmente desci do Coo a este mundo: Que os Mouros, que os Tutcos, que os Scitas, os Barbaros, os Genticos, se resolvam a me desprezar; que me nam amem, que me offendam, que vivam como quem sam; desgraça lie, & coguey ra sua: porem descontarfelheha ao dar das contas, que nam ouviram a verdade clara. Mas vós! Vós, que soys criados & doutrinaados ao baso da minha Igreja! Vós, a quem tam patientemente entreguey os meus segredos, os meus preceytos, a minha fé, as minhas verdades! *Veritatem palam!* Que nam me valesse tanto, para deyxar de me ver tam offendido! Que nam bastem tantos favores, para vos exprimentar menos ingratos! Mas apartemos mais esta verdade Catholica, para nossa confusam; & vejamos o que Deos era obrigado a nos dar, & o que nos deu.

Orietur
in tene-
bris lux
tua sicut
meridies.
Isaia 58.
10.

O que Deos nosso Senhor era obrigado a nos dar (em todo rigor falá-
sup B do)

do) vem a ser o que vos direy. Em primeyro lugar he Deos nosso Senhor obrigado a dar a todos nós, & a qualquer homem, hum sufficiente conhecimento de que ha Deos, & de qua ha ley de Deos. Em segundo lugar, he obrigado tambem a concorrer para todos com sufficientes auxilios & inspiraçoens, para que se quiserem, possam satisfazer a sua ley, & veneralo como a Senhor. Eysaqui oa que Deos está obrigado, & a nada mays. Isto faz ao Turco, ao Mouro, ao Judeu, ao Idolatra, a todos. E a nós? O, quem me dera agora o espirito que me falta! porque se me representa. se o tivera, que vos havia de confundir. Ide porem ouvindo com atençaõ: & baste a força da verdade, & a graveza da materia, para que fiquem supridos os defeytos do Prégador.

De maneyra que sendo Deos sómente obrigado a nos assistir, & a se nos dar a conhecer da sorte que vos expliquey; podendo (sem nos fazer injustiça) leyxarnos lá nascer na Turquia, nos interiores da Asia, na barbaria da Africa, ou da America; podendo (licitamente) dispor que nos criassemos & doutrinassemos entre mil tontisses de Rabinos, entre seytas venenosas de Herejes, bebendo com o leyte & entranhando na alma a afeicãm a seus erros, difficultosa por esta causa de se vir algum hora a perder; podendo (digo) ordenar a Soberana providencia, sem nisso nos fazer agravo ou semrazam, que fosse o nosso nascimento, a nossa criaçam, & os nossos auxilios, assim como sam os auxilios, a criaçam, & o nascimento de tantos; foy tal, & tam liberalmente abundante para conosco a sua misericordia, q̃ nos poz em Portugal. Em Portugal; onde a Verdade Catholica, & o espelho puro da fé, desde que se conheceu atequi, nam admittiu o menor argueyro. Em Portugal; onde se xpre foy a virtude o mayor timbre do valor, & o melhor brazam da Nobreza. Em Portugal; onde (quando Deos queriu) eram tantas as casas de exemplo, como agora as de prazer. Em Portugal; onde com admiraçam da modestia, mal se achava differença (mas por diverso modo d' agora) entre o Ecclesiastico & o Secular, entre o religioso & o profano. Em Portugal; donde os Estrangeyros levavam sempre para suas patrias, nam tantas drogas como hoje, mas melhores exemplos que agora: empenhando-se mays os nossos Mayores nas materias da admiraçam, que nas conveniencias do tratto. Em Portugal finalmente; onde alem de tantos documentos passados, que podem ser auxilios efficacissimos para agora, temos ainda hoje, ou hoje mays que em nenhum tempo, tantos & tam continuos os Mestres, os Doutores, os Prégadores, os Sacerdotes, as claufuras, os Divinos officios, as ceremonias, os sacrificios, os Sacramentos; & tudo o mays que pertence assim ao conhecimento & veneraçam do verdadeyro Deos, como ao nosso remedio: com tanta felicidade & frequencia, que podem ter que

que nos invejar, nam digo ja os Reynos infieys, mas ainda os may's Catho-
licos.

Isto assim considerado & conhecido, como verdade tam patente, vede vós agora, & dizey me, se temos ou podemos ter acçã de queyxa. E acabareys de alcançar a razã tam justificada, com que a infinita paciencia de nosso bom Deos, como vencida ja de nossas ingraticidões, sahe hoje com a nossa obstinaçã a perguntas; pedindo-nos (se nam por esperar de nõs emenda, por justificarle a si) a razã, ou a causa que temos, para lhe fugir, & desprezalo. *Quare non creditis mihi?* Dayme ca homens a razã, porque vos resolveys em deyxarme; ou porque fiays may's do mundo, que de mim. *Quid invenerunt patres vestri in me iniquitatis, quia elongaverunt a me.* Que maldade, que distavor, que semrazã achãram em mim os vossos antepassados, ou vós outros algum' hora, para assim me ver deyxado? Se vos ensino a verdade, *si veritatem dico vobis;* se a vós a communiquey tam clara & tam declarada, *veritatem palam;* se vola tenho provado com tantos sinaes; se vola estou persuadindo com tantos auxilios; & se faço da minha parte, nam sò o aque estou obrigado, mas tanto may's do que devo: porque vos hey de ver tam perdidos, & tam perdido o que custastes? *Quare?* Porque? Se achays em vossa consciencia, que vos estou a dever alguma couza, recenseemos as cõtras. *Quid ultra debui facere?* Que couza he ella, que vos devia fazer, & nam fiz? Mas ah meu Deos: & quem poderã accular vosso procedimento justissimo, ou defecbir o menor defeyto em vossas misericordias? Nossa, Senhor, he a culpa toda, nossa he a malicia, nossos sã os def-ytos, nossas sã sòmente as faltas. Assim o cremos: assim o confessamos. E se esta confissã he bastante, para se saber de certo a verdadeyra causa de nossos delittos; nam nos pergũtey's Senhor maes porquês. Porque somos ingratos, & porque somos perversos, eysahi o porque peccamos. Mas porque a queyxa hoje de Christo, & o porque do Evangelho mostra estarnos pedindo outra may's individual & may's determinada resposta; vamos proseguindo, & buscando-a.

§. IV.

Temos visto, que não está da parte de Deos a causa de nossos peccados por nenhum titulo. Donde consequentemente se segue, q' ou na nossa vontade, ou no nosso entendimento (como ao principio explicãmos) ou em ambos juntamente ha de cahir a culpa toda. E quanto ao que se representa, parece ser o nosso entendimẽto o culpado principal. Vejamos o thema. *Si veritatem dico, quare non creditis?* Se vós digo verdade (diz Christo) porque nam credes? De maneira que nos dá em culpa o Senhor a falsa ou de-

feito da fé, que pertence ao entendimento; fazendo-nos juntamente cargo de nos dizer a verdade, que he objecto do entendimento também, & só lhe toca. Donde parece que se póde inferir, que nam da nossa vôtade, mas do nosso entendimento se nos origina o danno todo. Assim parece: & ao menos em grande parte, assim he. Porque se hum homem entrara em si, se começara a abrir os olhos, & se tivera ou soubera ter juizo para medir bê & ponderar os cotidianos perigos de sua vida, os entredos de sua consciencia, as contingencias da salvação, a infallibilidade do castigo; se tivera em tantos annos huma só hora que fosse, de verdadeyro & efficaz conhecimento de si, & de suas acçoens; he sem duvida, que logo em sua vida se haviam de enxergar as mudanças. Os exemplos sam aqui a melhor prova. E sejam de Principes, que sam os mayes efficazes.

Peccou Cahim, Principe morgado do mundo, tirando a vida a seu irmão mayes móço Abel. Peccou David Principe de Israel, tirando também a vida a seu muyto leal vassalo Urias; & com circumstancias, que afeam gravemente o delitto. Nam quero comparar o peccado de hum com o peccado do outro: mas o que he certo, que ambos foram homicidios, ambos gravissimos, & dos mayes escandalosos que ha visto o múdo. He poys muyto digno de reparo, & ainda de admiracão o diversissimo fim destes Principes. David emendado, Cahim obstinado: David penitente, Cahim fugitivo: David perdoado, Cahim amaldiçoado: David santo, Cahim prescito: David no Ceo, Cahim no Inferno. Valha-me Deos E donde a David a emenda, donde a obstinaçã a Cahim? Donde a David a ventura, donde a Cahim a mofina? Eu o direy. David cahiu como homem mas soube considerar como homem. Cahim pelo contrario. Cahim cahiu como bruto, & ouve-se depouys como bruto. O cahir (absolutamente falando) he dos homens, porque fomos terra: o nam considerar a queda, nem antes nem depouys dada, he de brutos que nam tem juizo. Vede agora a Cahim em tudo bruto; & vede a David em tudo homem. Cahe David: mas como homem, por huma inconsideraçã casual: *accidit ut surgeret David, viditque mulierem. Vede-o porem logo considerando na queda como homem: Peccatum meum* *vers. 2. contra me est semper.* Tenho sempre defroste de mim o meu peccado (dizia *Psalin.* David): sempre o trago diante dos olhos. *Contra me.* E tanto nos olhos o *50. vers.* trouxe sempre, que jamays em quanto viveu, se lhe enxugaram os olhos. *5. Psalm.* *Lacrymis meis stratum meum rigabam: Potum meum cum fletu miscebam.* Eysaqui *6. vers.* David, como homem, peccador: & eysaqui David peccador, mas como *7. P. alm.* homem racional. Porque se se perturbou, se errou, foy hum acaso; *Accidit:* E *101.* para considerar & remediar esse acaso, achou que era necessario hum sempre; *Contra me est semper.* A queda foy hum repent: as lagrimas, & a consideraçã

raçam toda a vida. Pelo contrario Cahim, Cahiu, & nam considerou. Bruto no que fez, mays bruto no que deyxou de fazer; bruto a' antes, & pior que bruto depouys.

Quando Cahim andava na tentaçam, disse-lhe Deos desta sorte. *Cur concidit facies tua?* E depouys da execuçam, depouys de tirar a vida a Abel, perguntandolhe Deos por elle, *Ubi est Abel frater tuus?* respondeu Cahim, que nam sabia: *Nescio*. Temos aqui em Cahim huma couza que notar, & outra em Deos. Em Deos, o dizer a Cahim, que o rosto lhe tinha cahido, *Concidit facies tua*; modo de falar tam exquisito. Em Cahim, o dizer a Deos, que nam sabia de seu irmao. *Nescio*; tendolhe tirado a vida naquella hora. Mas vede aqui a Cahim em tudo bruto; & alcançareys a causa de sua obstinaçam, & das vossas. Tam bruto em seus intentos, antes da execuçam, que aos olhos de Deos nem foy coens tinha ja de homem: *Concidit facies tua*. E tam bruto em sua obstinaçam, depouys de executada a maldade, que elle proprio confessou de si a bruteza: *Nescio*: Estou necio. Ah necio! Mas necio, & como bruto te resolveste; necio, & como bruto executaste; mays que necio, & mays que bruto te obstinaste: como bruto, & como necio te condénaram, *Vagus & per fugus eris*; como bruto, & como fera te julgarás: *Omnis qui viderit me, occidet me*. Perdeu-se Cahim, o fiéis, assim como se perdem sempre os perdidos: por necio: *Nescio*. A nossa ignorancia he a nossa perdiçam.

Mas nam deyxemos ainda a Cahim, poy Deos ainda o nam deyxou. Ve Deos a barba insolencia de Cahim; & doendolhe altamente, nam tanto a morte do innocente, quanto a desgraça do culpado (que sempre os Cahins sam mays para ser chorados, que os Abeys); desce do Ceo, por ver se com sua misericordia, ou senam, com sua justiça pòde dar juizo a Cahim; & diz-lhe assim. *Quid fecisti?* Cahim, q' fizeste? E poy Senhor, nam sabeys vòs muyto bem o que tem feyto Cahim? E como sabe! Poy se Deos sabe, porque pergunta? Pergunta Deos, para que Cahim se lembre, para que conheça & considere Cahim. Com seu pay delle havia Deos usado o mesmo: *Ubi es Adam?* Onde estás Adam? Parecem perguntas, & sam advertencias. Adam entendeu a advertencia, & reduziu-se. Remediu advertido, o que tinha estragado ignorante. Cahim nem advertido advertiu, nem amocestado, abriu os olhos: ignorante peccando, ignorante depouys de peccar; ignorante a' antes, ignorante depouys, ignorante sempre: & lá vay.

Daqui se colhem duas verdades, ambas certas, ambas infalliveys. A primeira he, que quem tem a alma de Cahim, pecca, & nam cuyda nisso. A segunda he, que se cuydara, nam se perdera. O, & quam certo isto he! Sabeys Christ' os, porq' peccamos tam continuadamente, & com tanto desafogo? Porque nam cuydamos, Sabeys porque depouys de cahidos nos nam

erguemos? Sabeys porque vamos andando com tanto socego & paz d'alma direyτος ao precipicio ultimo? Porque nam cuydamos. O descuydos, & ó cuydados! E vendo hoje noffo Deos, que de noffas inconsideraçoes nascem os noffos delatinos; vendo que de nam abrímos os olhos para pesar suas offensas, procedem as suas offensas: & vendo ultimamente, que para nos podermos remediar & salvar, nos deu juizo bastante, nos deu ditames, nos deu razam, nos deu conhecimento, nos deu fé, nos deu preceyτος nos deu caminho, nos deu luz, & nos deu o sangue; Que mays quereys? nos diz hoje. *Quare non creditis mihi?* Que razam tendes homens, para me dey xar?

S. V.

DO que está ditto se inferre, ou parece inferirse, que o noffo entendimento he o unico culpado em noffas defordens: & consequentemete, que temos achado reposta ao *porque* do Evangelho. Peccamos, porque nam sabemos; ou porque nam sabemos saber. Mas nam he ainda isto. Nam peccamos Christaõs, por nam sabermos saber: peccamos, porque nam quereamos saber. Isto he. A noffa vôtade he a causa, o ua causadora da perdigam; & de quem principalmente se queyxa hoje, & vivirá queyxoito sempre noffo Deos. Do noffo mesmo thema se colhe. Porque aquelle *Non creditis* val o mesmo q̄ *Non vultis credere*. Nam quereys crer. E allim o verteu Santo Isidor. E he o sentido proprio & expresso: porque cõtra as vontades dos Judeos, & nellas contra as de todos os homens (como diz Origenes) arguia & argumentava hoje Christo. Mostra-se isto com evidencia no mesmo capitulo oytavo de S. Joam, que he o noffo Evangelho: onde o Senhor diz assim. *Quare loquelam meam non cognoscitis?* Porque nam conheceys as minhas palavras? E acreceta logo, como mostrádo a causa do desconhecimento & ignorancia dos Judeos: *Vos ex patre Diabolo estis, & desideria patris vestri vultis facere.* Vós soys filhos do Diabo, & quereys sò o q̄ elle quer. Demaneyra q̄ ainda o crer, o conhecer, o entender, & as demaes operaçoes, que de sua natureza sã proprias do entendimento, nam as regula, nam as domina tanto o mesmo entendimento, como as domina & regula o senhorio da noffa vontade. Nam vem a ser o noffo entender, & o noffo nam entender, mays q̄ o noffo querer, ou o noffo nam querer. *Vultis, Non vultis. Vultis facere: Non vultis credere.* Desorte q̄ entendemos o que quereamos, & como quereamos; & o q̄ nam quereamos, nunca o entendemos: nam há entender sem querear; ou querear, q̄ nam leve logo apoz si o entender. Antes de vos mostrar os meus textos, vamos aos vossos.

Os Cõselhos & os Tribunaes ja sabeys q̄ se instituiram, para que nelles

les se decretasse o que fosse mays acertado, & como tal julgado, ou pela intelligencia dos textos na Relaçam; ou pelo entendimento dos Cõselheiros no Ultramarino, v.g. ou no de Guerra. Daqui vem, q̄ nam dizemos, nẽ devemos dizer, Foy vontade de tal Desembargador, que se enforcasse o ladram; ou Foy gosto de tal Cõselheyro, q̄ se trattasse da restauraçam da India (ponho isto por exemplo): senam, Foy voto de tal Desembargador, q̄ o ladram devia ser enforcado; Foy parecer de tal Cõselheyro, q̄ a India se devia restaurar. Demaneyra q̄ nam explicaremos bem as determinaçoens dos Cõselhos ou Tribunaes, se lhe dermos nome de arbitrios: porq̄ ali nam obra (quero dizer) deve nam obrar a vontade. Explicarnos hemos bem, & assim de facto nos explicamos, dandolhe nome de votos: porq̄ votar he entẽder, ou he dizer o q̄ se entende. Ora bẽ. Supponhamonos agora: Cõselheiros? He muyto. Nam nos mettamos nullo. Desembargadores: tambẽ nam. Podem-se picar, ou dar-se por picados muy facilmente. Nam. Os Ecclesiasticos somos mays soffridos: & nam quero q̄ digaes, q̄ me lãso de fõra. Supponhamonos frades, ou clerigos: frades em Capitulo, ou clerigos em Cabido. Isto he couza supposta, seja o Cabido lã de fõra do Reyno. Votemos. Primeyramente, Eu voto no meu parcial. Tã, que... Nam ha q̄ tratar: Voto no meu parcial. E vds lã no Cabido onde agora vos constituhi, em que votays? Eu o direy sem q̄ mo digam. Vds votays no voffo parente: aquelle vota no seu Capellam: este no seu pajem: aquelle no q̄ lhe deu: aquelloutro no q̄ espera q̄ lhe ha de dar: *Et sic de ceteris*. E temos votado todos. E quẽ he do juizo? (da consciencia nam trattemos nõs, q̄ disso nam se tratta.) Mas q̄ he o q̄ fez aqui nestas eleypoens o miseravel, o pobre do entendimento desgraçado; q̄ melhor lhe fora nam ter nascido? (como lã disse Christo de Judas, por vèder huma só vez a verdade). Entendeu por vëtura, q̄ estã bem dado aquelle officio, aquella dignidade, aquella Igreja? Entendeu, q̄ estã bem deparadas aquellas ovelhas, & bẽ proporcionado aquelle pastor? Sim: porq̄ ainda q̄ o meu amigo, ou o meu criado nam presta, eu quero q̄ elle q̄ tenha: & como quero q̄ tenha, logo me parece q̄ presta. He universalmete certa esta doutrina: entẽdermos o q̄ queremos, ainda q̄ o nam haja no mũdo: nam entendermos o que nam queremos, ainda que esteja mays claro q̄ o Sol. Provãmos a primeyra parte com exemplo, provemos agora esta segũda com o texto: & seja hũ lugar achado, mas com põderaçam exquisita.

Conversavam os Discipulos hũ dia em Galilea (diz S. Matheus); & disse-lhe o Senhor estas palavras. Discipulos meus, o Filho do homẽ ha de ser entregue nas mãos dos homens: & os homens ham de matalo: & elle ha de resurgir ao terçoeyro dia. *Conversantibus autem illis in Galilea, dixit illis Iesus: Filius hominis tradendus est in manus hominum: & occidetur eum: & tertia die resurget.* E a

Matth. c.

17. vers.

21.

crecenta

crecenta logo o Evangelista, q̄ os Discipulos se entrift:ceram com vehemẽcia. *Contristati sunt vehementer.* E nam diz mays. Vay S. Lucas no capitulo 9. contando o mesmo successo; & diz q̄ nenhum dos Discipulos entendera o q̄ o Senhor lhe dizia, nem por sombras. *At illi ignorabant verbum istud, & erat velatum ante eos, ut non sentirent illud.* Dificulto assim. Nam diz S. Matheus, q̄ todos os Discipulos se entrift:ceram gravissimamente de ouvir semelhães palavras a Christo? Como logo diz S. Lucas, que nenhum delles as entendeu? Ninguẽ sente o que nam conhece; como tãbem nam pôde deyxar de conhecer o q̄ sente, poys q̄ o sente. Se poys sentiam tanto os Discipulos, *Contristati sunt vehementer;* como diz o Evangelista, q̄ nam conheciam nada? *Ignorabant verbum istud?* Mas ò q̄ o nam entenderam, pela mesma razam que o sentiam. O q̄ nam he do nosso gosto, se chegou de algum modo a entenderse, he como senam se entendera. *Contristati sunt vehementer. Ignorabant verbum istud.* Sabey's por onde isto * se menea? Por * aqui.

Case-
ca
Coraçãõ

Ioan c.
I 6. vers.
I 2.

Adhuc multa habeo vobis dicere... Quum venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem, disse Christo despedindo-se de seus Discipulos. Discipulos meus, muyto tinhãinda que dizer vos; mas o Espirito Santo, qui ha de vir, vos ensinarã toda a verdade. E porque ha de reservar Christo para a vinda do Espirito Santo o muyto que tẽ q̄ dizer a seus Discipulos? E difficulto assim. O q̄ Christo aqui reserva, he ensinar-lhe verdades; *Docebit vos omnem veritatem.* Poys se a verdade, pela razam de verdade, he objecto do entendimento; & pela razam de ensinada, sò ao entendimento pertence; parece q̄ tocavao dizelas, nam tanto ao Espirito Santo, q̄ he Amor, quanto ao mesmo Christo, q̄ he Verbo. O Amor ensina muyto embora a amar: o Verbo, a sabedoria ha de ensinar a entender. O Amor affeyçõe os coraçõens, dobre as vontades; mas reduzir entendimentos, q̄ tẽ q̄ fazer com o Amor? Poys logo, porq̄ ha de cõmterter Christo a Pessoa do Espirito Santo, o q̄ tanto lhe pertence a si? Eu volo direy. Porq̄ viu Christo a nossa condiçãõ, & quiz lograr o seu fim. Quiz ensinar nos & persuadir nos bem as verdades de sua doutrina; viu q̄ o nosso entendimento sò o q̄ he nosso gosto aprende bem; q̄ faz? Tratta de affeyçoarnos o gosto, por meyo do Espirito Santo, para q̄ assim com effeyto aprendessemos sua doutrina. O Divino Espirito tem por especialidade sua salarnos às nossas vontades; & nam sò isso (diz S. Basilio) mas escrever nos nossos coraçõens: *Inscribit autem nobis spiritus sanctus non in tabulis lapideis, sed tabulis cordis nostri carnis.* De sorte q̄ tẽ virtude especial aquelle Divino Espirito, para imprimir tudo o q̄ quer em nossos mesmos carnaes & mundanos coraçõens. *In tabulis cordis nostri carnis.* Eysahi poys a razam, porque Christo siou mays do Espirito Santo a persuazam de suas verdades, do que a siou de si. O entendimento dos homens (diz

D. Basil
in Psal.
44.

(diz Christo) nam se move senam pela vontade : poys falhe o Espirito-Santo a vontade, para que eu assim lhe renda o entendimento,

Oh, & quanto á custa de sua opiniam, com quanto dispendio de seu credito, & de sua honra, experimentou o Filho de Deos no dia de hoje a cegueyra do humano entendimento pela malicia da vontade humana! Hoy hoje o primeyro dia, em que prevalecedo o odio & a inveja contra a Divina Verdade humanada, largou a dissimulaçam Farizaica o véo de seus coraçõens pegonhentos; atrevendo-se a descompor & afrontar publicamente a Sagrada innocencia de nosso Redemptor, com opprobrios & calumnias, quaes nenhum malfeytor ouviu jamais. Ah meu Deos! E se contra vossa honra teve linguas a inveja, se contra vossa innocencia teve a malicia forças, & a falsidade artificios; que innocencia, ou que honra poderá viver neste mundo? Huns lhe chamavam embusteyro; outros o appellidavam enganador; este o blasphemava de feyticeyro; aquelle de Samaritano, de falso, de endemoninhado. Homens, & isto vos diz o juizo? Isto vos persuade o que vedes? Quem lança fora Demonios, pôde ser endemoninhado? Quem resuscita mortos, he feyticeyro? Quem prega penitencias, & faz o que prega, he enganador? Diz vos isto, ou pode volo dizer o juizo? Sim; porque lho ditava assim a vontade. Eram os ditames, como os affectos : porque quaes sam os nossos affectos, taes sam os nossos ditames.

De toda esta doutrina vimos finalmente a concluir & a cõvencer a causa toda & o total principio de nossa perdiçam & ruina. E isto supposto, se a vossa queyxa, meu Deos, fica sem satisfacaõ; ao menos a vossa pergunta ja nam ficará sem resposta. Porque razam vos offendiamos, porque causa vos desprezavamos, foy hoje a vossa pergunta: já está conhecida & convencida a verdade. E para resposta baste. Porém meu Deos, se para confusam da minha alma & de meus atrevimentos, me mandays mays expresamente responder; Senhor, ainda que tremendo, respondo. Offendo-vos, porque quero; porque he meu gosto. Nam vos obedeco, porque nam he meu gosto, nem quero. E ey sãhi Christãos, a triste resposta; mas a unica que temos.

§. VI.

E Poys isto assim he, Senhor, que nos resta? mays que cõfessar de plano, que estamos reos sem defensa, esperando vossa misericordia com temeridade, & dezafiando vossa justiça com o merecimento. Confessamos q nos nam faltastes, nem nos faltays com superabundantes beneficios, com excessivos favores, auxilios & inspiraçoens; com ajudas, com esperas, com a dissimulaçam, com o soffrimento. Confessays que da vossa parte o ren-
des

des feyto com nosco, como bom pay de piedade, & mays que pay; ja ensinando com a brandura, ja reprimindo com a severidade; ja estendendo a mam para o castigo, ja tornando a recolhela por comiseracão; ja excitando-nos para que acordemos, ja ferindo-nos porque nam acordamos: bufcando-nos offendido; & tornando-nos a conquistar, depouys de mil vezes deyxado. Confessamos que sem embargo de tudo isto, & como se o nam conheceramos, nem vos conheceramos, vamos seguindo por nosso gosto os descaminhos de nossa perdiçam, contra nós mesmos & contra vós obstinados. Confessamos que só a immensidade de vossa misericordia nos pudera ter soffrido & supportado tantas desordens. Tudo isto confessamos, tudo isto conhecemos, tudo isto vemos: & nada disto nos muda, nada disto nos emenda, nada disto nos proveyrou ategora; & ainda mal que nada disto nos melhorará daqui pordiante.

Por isso eu dizia no principio, que convenceria facilmente hoje os vossos entendimentos; porque entender & assentir a verdades tam demonstrativas, tam claras, he couza muy facil: mas que nam havia de convencer as vossas vôtades; porque desviasas de seus descaminhos, he muyto difficil. E ainda digo mays. (O dia he de dizer verdades). Presumo & digo, que se aqui neste lugar, onde eu estou tam indignamente, estivera agora S. Paulo, ou Santo Agostinho, cada hum delles com o seu exéplo, com as suas virtudes, com o seu espirito, & com a sua ciência; que tanto fruyto fizera em nós tudo isto, como eu farey com a minha rudeza, & com os meus defeytos. S. Paulo havia de prégar, como elle diz que se pregue, & como sempre pré-gou. Havia de prégar largo, porque era copioso & eficaz; & a efficacia depende de disposiçã larga: havia de prégar verdades, sem affectaçã nem circumloquios: havia de curar mays do fruyto, & menos das flores. Eys ja S. Paulo sem fruyto, porque sem ouvintas. Venha Santo Agostinho. Santo Agostinho havia tambem de prégar do modo que sempre pré-gou. E se elle quando pré-gava, sendo em tempos tanto menos depravados, entendia ja entã o pouco fruyto, que os seus Sermoens faziam; pouys disso se queyxa varias vezes, & mays principalmente na sua Cidade de Deos; que fruyto vos parece que poderiamos esperar de seus Sermoens, se elle agora pré-gara nesta idade nossa? Pouys Padre (dizeys), baldados logo & desnecessarios sãm os Sermoens. Respondo. Nam vi cousa mays usada, nem mays escusada nestes tempos; se attentarmos sómente ao fruyto das almas; que he o inté-ro primeyro & principal da Igreja. Porém se attentarmos outro fim, nam menos urgente, necessarissimos sãm os Sermoens. (Os que o sãm). E que si n? Naõ sey se folgareys de o ouvir. Dous fins teve o Espirito Santo, para instituir Sermoens na synagoga, & na Igreja. O primeyro fim foy a emenda

*Aug. de
Civit.
Dei. l. 2.
c. 26.*

da & reduçam dos mãos: o segundo fim, a justificação de Deos; para ficar em tudo & por tudo justificado. Haja Sermam, & haja doutrina (diz Deos): em primeyro lugar, para que ouçam, & se emendem: em segundo lugar, para que se nam se emendarê, nam possam allegar que nam ouviram. Tam justificada como isto quero a minha justiça até o cabo. Assim expressamente meu grande Padre. *Salus quibusdam ad primum, quibusdam ad iudicium predicatur.* Aos que se aproveytarem, servelhe o Sermam para o premio: aos que se obstinarem, servelhe o Sermam para o Juizo. O, abramos o nosso juizo hoje, que chega a quelle Juizo ámanhã. Vejamos, que se das verdades Catholicas, que temos aqui ouvido, nos nam aproveytermos, Christãos, para a emenda, que he o primeyro fim do Sermam; Christo Jesus nosso Deos, & rectissimo Juiz, se ha de aproveytar dellas para a sentença, que he o segundo fim dos Sermoens.

Este segundo fim foy hoje o que nosso Redemtor conseguio, prégando suas divinas Verdades ao povo Judaico. Porque perguntado lhe pela razam de seus erros, *Quare non creditis mihi?* depoy de lhe haver ensinado & confirmado a verdade, *si veritatem dico vobis;* ainda que nam emendou o peccado, convenceu a malicia. E vendo & sabendo muyto bem, que de sua prégação nam havia de resultar fruyto algum, antes novas & repetidas offensas fuzas; prégou com tudo, para justificação (a seu tempo) de sua vingança. Oh Senhor: & que grande pavor me causa a consideração deste ponto! ja que esta doutrina vossa nam ha hoje de fazer fruyto, Senhor nam sirva de augmentar o castigo. Ja que este Sermam ha de ser como se nam fora, para os arrependimentos; seja tambem como se nam fora, para as contas. Ja q' nós o havemos por nullo para a emenda, havey-o vós tambem por invalido para a justiça. Eu meu Deos o hey por nam prégado: nós o havemos todos por nam ouvido. A vossa misericordia Senhor, recorreremos unicamente, entre a confusão de nossas culpas; & postrados com toda a mayor sumissam diante vossa tremenda Magestade, pedimos misericordioso Pay, useys de vossa compayxam com a nossa miseria: poys para o fazerdez assim, he mayor o vosso amor, que o nosso peccado; mayor a vossa bondade, que toda nossa malicia. Digam-no Senhor estes lutos, com que a Igreja Esposa vossa começa hoje a sentir vossa payxam. Para nos despertar a lembrança, sam hoje estes sinaes: sejam tambem estes sinaes, para que vós tambem vos lembreyes. Lembray vos meu Deos de vós: lembray vos daquelle amor, que vos obrigou a morrer: lembray vos de tanto sangue, que para nos remediar & salvar, despendestes a tanto custo: lembray vos daquelles torméto excessivos, que pagaram o nosso regaste: lembray vos de vossa misericordia, q' he mayor que os nossos delittos: lembray vos. E porque vos nam lembrateys? *Cum*

Aug. Epist. 49. ad Deo-
gratias,
de pietatis
conserva-
tione, cir-
ca finem
questionis
secundae.

Ex eod.
32.ver.
11.

Domine irascitur furor tuus contra populum tuum, quem eduxisti de terra Egypti in fortitudine magna, & in manu robusta? Porque razam (tambem meu Deos, vos hey de perguntar hum porque) Porque razam se ha de irar vossa justiça contra hum povo, por tantos ritulos vosso? *Contra populum tuum?* Contra o vosso povo, que remistes, *Quem eduxisti de terra Egypti:* que remistes com tanto amor, que remistes a tão preço? *In fortitudine magna, & in manu robusta?*

Ioel. 2.
vers. 17.

Oh Senhor, perdoay, perdoay ao vosso povo: *Parce Domine, parce populo tuo.* Perdoay nossas ignorancias, & parecerá mayor o vosso amor: perdoay nossas ingraticoes, & parecerá mayor a vossa bondade: perdoay nossa obstinacão, & parecerá mayor vosso soffrimento: perdoay tantos excessos, & ficará may's acedridada a vossa graça: perdoay finalmente tudo, ja que vos aggravamos em tudo, & será may's engrandecida a vossa gloria. *Ad quam nos perducatur Dominus Omnipotens.*

FINIS

